



ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA: CONCEITOS BÁSICOS PARA A SUA CONSTITUIÇÃO COMO MODELO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Ivanaldo Oliveira Santos¹
Regilberto José Silva²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo explicar teoricamente os fundamentos conceituais que proporcionaram e proporcionam à Análise de Discurso Crítica uma abordagem consistente e epistemológica na sua formação como um modelo teórico-metodológico. Para isso, num primeiro momento, expõem-se aspectos da constituição histórica da ADC como tempo, espaço e atores que contribuíram para sua formação. Além disso, apresenta-se uma discussão teórica e reflexiva sobre dialogismo e polifonia na proposta de Bakhtin (1988, 2002), o discurso como prática a partir da perspectiva de Foucault (2002) e a análise tridimensional proposta por Fairclough (2008). Conclui-se, com certeza, que esses elementos conceituais foram e são relevantes para a análise do texto, enquanto forma e função, tendo em vista a ADC.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Crítica do Discurso, conceitos básicos, a formação teórica e metodológica.

ABSTRACT: This article aims to theoretically explain the conceptual foundations that have provided and provide the Critical Discourse Analysis a consistent approach and epistemological on their training as a theoretical-methodological model. To do so, at first, expose himself aspects of the historical constitution of the ADC as time, space and actors who contributed to its formation. Furthermore, we discuss a theoretical and reflective discussion on dialogism and polyphony in the proposed of Bakhtin (1988, 2002), the discourse as practice from the perspective by Foucault (2002) and the proposed three-dimensional analysis of Fairclough (2008). Conclude himself, with certainty, that these conceptual elements have been and are relevant to the analysis of the text, while form and function, in view of the ADC.

KEYWORDS: Critical Discourse Analysis, basic concepts, training theoretical and methodological.

1. INTRODUÇÃO

¹ Pós-doutor em estudos da linguagem pela USP. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br

² Mestre pela UERN. E-mail: regilberto.silva@gmail.com



A Análise de Discurso Crítica (ADC), no meio acadêmico, por ser uma disciplina pouco divulgada, torna-se desconhecida para muitos estudantes dos cursos de letras. Nos cursos de graduação, quando se trabalha tal disciplina, ela aparece não como disciplina, mas como um ramo da Análise do Discurso (AD) que tem sua origem francesa.

Nessa orientação, é “importante salientar, então, que a Análise de Discurso Crítica e a Análise de Discurso Francesa historicamente pertencem a ramos distintos do estudo da linguagem” (RESENDE; RAMALHO, 2009, p. 21-2). É por isso que se deve dar uma ênfase aos conceitos basilares, quando se trabalha com a ADC, para que todos possam ter acesso a tais conceitos e saber quais diferenças permeiam a Análise de Discurso Francesa e ADC.

Vendo isso é interessante destacar, neste artigo, alguns pontos conceituais de autores como Bakhtin (1988; 2002), Foucault (2002) e Fairclough (2008) que fundamentam a proposta epistemológica da disciplina. Assim estudantes e pesquisadores poderão saber que ADC faz parte do contexto atual da pesquisa acadêmica e que não é uma sigla apenas de enfeite, mas que tem toda uma base conceitual que orienta as pesquisas nessa área.

Nesta ideia de orientação teórica e conceitual, apresentamos um relato histórico sobre a origem da ADC. Isso possibilita uma reflexão sobre a importância da vida acadêmica na organização da teoria. Noutro momento de reflexão, observamos os fundamentos em relação à forma e à função na constituição da ADC. É uma maneira de refletirmos sobre os consensos e contrasensos entre esses dois paradigmas em relação à ADC.

Além disso, fizemos uma reflexão de analogia das concepções de signo, dialogismo e polifonia de Bakhtin e das ideias de linguagem como prática de Foucault com a Análise do Discurso Crítica. Essas concepções foram contribuições essenciais para o desenvolvimento da Teoria Social do Discurso de Fairclough, considerado o pai da ADC. Por isso, dedicamos um tópico explicativo alusivo ao discurso e as primeiras categorias de análise de textos propostas por Fairclough em seu livro *Discurso e Mudança Social*.

Em suma, os conceitos apresentados podem ser um norte para orientar a todos os que se interessem em trabalhar com a ADC. Não queremos fechar os conceitos em si, até porque há outros conceitos e teorias que dialogam constantemente com a ADC como o



Realismo Crítico, a Linguística Crítica e a Linguística Sistêmico-Funcional. É de suma importância essa compreensão para que possamos explicar com clareza esse nosso recorte epistemológico.

2. AS PRIMEIRAS FALAS EM ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA

Contextualizar historicamente a ADC é uma tarefa transdisciplinar, uma vez que o seu percurso histórico se baseia no diálogo com várias vertentes teóricas como a Linguística Crítica e a Linguística Sistêmico-Funcional, além de trazer discussões com teorias da Ciência Social Crítica. Segundo Magalhães (2005, p. 2):

Na década de 1970, na Universidade de East Anglia, Grã-Bretanha, um grupo de pesquisadores desenvolveu uma abordagem de estudo da linguagem conhecida como lingüística crítica (LC). Em 1979, Fowler, Kress, Hodge, e Trew publicaram *Language and Control* (Linguagem e Controle), um livro que teve repercussão entre lingüistas e pesquisadores da linguagem que se interessavam pela relação entre o estudo do texto e os conceitos de poder e ideologia. Na década de 1980, outros estudiosos se dedicaram ao desenvolvimento dessa abordagem. Fairclough, na Universidade de Lancaster, usou a expressão ‘análise de discurso crítica’ pela primeira vez em artigo seminal no *Journal of Pragmatics*.

Como se vê, a ADC parece, *a priori*, ter sido uma continuação das ideias da Linguística Crítica (LC), mas a própria autora critica esse pensamento, já que diz que seria, nessa perspectiva, “uma redução de questões fundamentais que foram explicitadas pela ADC, tanto em termos teóricos como metodológicos” (MAGALHÃES, 2005, p. 3).

A partir desse comentário, deduz que ela faz uma diferença fundamental entre a ADC e a LC. A primeira estuda os eventos em diversas práticas sociais, descrevendo, interpretando e explicando a linguagem no contexto sócio histórico, com ênfase na mudança social; já a segunda contrai apenas uma pequena amostragem de textos para análise.

Para Resende e Ramalho (2009, p. 21) a “ADC se consolidou como disciplina no início da década de 1990, quando se reuniram, em um simpósio realizado em janeiro de



1991, em Amsterdã, Theo van Dijk, Norman Fairclough, Gunter Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak”.

As autoras ainda relatam que o expoente, depois do simpósio, foi Fairclough, sendo sua Teoria Social do Discurso chamada de ADC. Mas elas advertem que os estudos em ADC não se devem resumir apenas a Fairclough. Com isso, é importante que, em trabalhos com ADC, devamos ponderar para outras vozes que contribuíram e contribuem para as pesquisas as quais visam a essa perspectiva teórica.

3. FORMA E FUNÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DA ADC

Antes de tratar da temática em si, é interessante arguir sobre duas abordagens teóricas que orientam a maioria das correntes linguísticas no estudo com a linguagem. A primeira é a formalista que se prende a linguagem como autônoma, numa perspectiva imanente. Nessa acepção, não há preocupação com o exterior, com os fenômenos extralingüísticos e as relações sociais; o que importa são as regras internas do jogo da linguagem que governam o sistema (a língua). Além do mais, nessa posição, o estudo da linguagem:

[...] comporta, portanto, duas partes: uma essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica. (SAUSSURE, 2006, p. 27).

A partir de Saussure percebe-se que a língua não depende do indivíduo para a sua existência. Ela está acima das relações sociais entre os interlocutores. Nela o que importa é a sua estrutura na constituição da sentença. Fica também claro que, como a fala é individual, torna-se, para Saussure, um estudo em segundo plano e ignorado em suas pesquisas. Com esse recorte, a gramática surge em uma proposta descritiva sem a perspectiva funcional que a língua e a fala, em processos de interação social, proporcionam.

A segunda abordagem é a funcionalista que está em conexão com a função da linguagem. Nesse momento, a linguagem se conceitua como o uso, ou seja, prática. Nela, as



relações lingüísticas, extralingüísticas e todos os fenômenos lingüísticos ou não, mas que compreendem o processo comunicativo de interação social, são estudados. A gramática é a de uso e funcional. Não se excluem a forma para compreender os fenômenos da comunicação social. A forma e a função se complementam no processo de análise.

Assim “está claro, entretanto, que o conhecimento da gramática é indispensável para que o(a) analista do discurso compreenda como estruturas lingüísticas são usadas como modo de ação sobre o mundo e sobre as pessoas.” (RESENDE; RAMALHO, 2009, p. 13)

Como o nosso trabalho é sobre a ADC, é necessário observar que o conceito de discurso muda conforme cada apreciação teórica. Isso é bem perceptível na fala de Resende e Ramalho (2009, p. 13) quando afirmam: dessas duas abordagens [formalismo e funcionalismo] acerca da linguagem emergem também duas diferentes definições de discurso. No paradigma formalista, o discurso é definido como a unidade acima da sentença; no funcionalista, como a linguagem em uso”.

O discurso, na proposta formalista, não se concebe para estudos e pesquisas, uma vez que as relações extralingüísticas de cunho social são descartadas. Neste caso, o discurso sendo acima da sentença não poderia existir, pois na ADC o discurso está inserido, numa análise textual, na sentença que não seria mais chamada de sentença, mas sim enunciado.

E é bem verdade que a ADC não se interessa apenas pelas categorias internas do sistema, dar destaque “[...] sobretudo, a investigação de como esses sistemas funcionam na representação de eventos, na construção de relações sociais, na estruturação, reafirmação e contestação de hegemonias no discurso” (RESENDE; RAMALHO, 2009, p. 13).

Depois desse esclarecimento, a abordagem mais coerente com ADC é a funcionalista, já que a visão de discurso é a linguagem em uso. Nessa postura, há possibilidades de analisar as práticas sociais que se estabelecem como hegemônica nas relações entre os elementos constitutivos da sociedade.

Por conseguinte, todas as relações sociais de desigualdade e de poder, de manobras políticas podem ser vistas numa visão mais crítica e de transformação social. No entanto, para que possamos analisar tais relações, a compreensão dos paradigmas entre forma e função é imprescindível nos trabalhos com a ADC.



4. CATEGORIAS DE ANÁLISE DE BAKHTIN E DE FOUCAULT NA FORMAÇÃO DA ADC

Na ADC as temáticas ideologias, identidades, poder, hegemonia, mudança social e outras são aspectos a serem analisadas na sociedade contemporânea, principalmente, nas relações de dominação e de constituição social dos sujeitos, sendo que os sujeitos são participantes ativos nesse processo recíproco de dominar e de ser dominado.

Hoje com o avanço tecnológico da comunicação, a informação e o conhecimento chegam com maior abrangência e força dentro da casa dos cidadãos. Isso requer do leitor, telespectador e internauta uma apreciação interpretativa mais profunda, ou melhor, mais crítica do que é noticiado.

Com as contribuições de Bakhtin e Foucault nas relações de discurso e poder, a ADC operacionaliza categorias de análises consistentes. Com Bakhtin (2002, p. 36), percebe-se a contribuição para ADC a partir da ideia de que:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.

Nessa acepção, a palavra traz, em todo a sua estrutura, não só aspectos da gramática formalista, mas também aspectos da gramática funcionalista que corrobora para uma carga ideológica que se traduz em intencionalidades por parte dos sujeitos quando a usam em situações sócio interacionistas.

A palavra constitui uma realidade que não só a reflete, mas também a refrata numa tentativa de mudança e constituição de realidades. É nessas relações sociais de lutas ideológicas que “[...] a desconstrução ideológica de textos que integram práticas sociais pode intervir de algum modo na sociedade, a fim de desvendar relações de dominação” (RESENDE; RAMALHO, 2009, p. 22). Portanto, a palavra, como signo ideológico e como constituição dos textos, merece a compreensão proficiente nas análises em ADC.

Outra contribuição de Bakhtin está relacionada à polifonia, ou seja, as vozes autônomas existentes dentro do discurso. A partir dessas vozes que se interagem no



discurso, constroem-se interações verbais que remetem a retomadas e antecipações de discursos que estão sendo enfocados no enunciado. Tendo o leitor o conhecimento dessas vozes, passa a ser a relação entre os interlocutores dialógica e isso remete a concordâncias e discordâncias nas relações de práticas discursivas.

Para tal fundamentação, afirma Bakhtin (1988, p. 93): “a dialogicidade interna só pode se tornar esta força criativa e fundamental apenas no caso em que as divergências individuais e as contradições sejam fecundadas pelo plurilinguístico social”.

É preciso perceber que, na fala de Bakhtin, essas vozes se articulam para o debate, a discussão e que partam para a mudança social. Sendo a linguagem uma forma de transformação e ação social. Neste caso, o sujeito não é apenas se assujeitado, passivo, dominado, mas tem a possibilidade real de, por meio do discurso, ser tornar um elemento transformador da sua própria realidade. Nesse caso a linguagem pode contribuir, de forma decisiva, para a concretização desse processo. Nas palavras de Resende e Ramalho (2009):

Essa noção de várias vozes, que se articulam e debatem na interação, é crucial para a abordagem da linguagem como espaço de luta hegemônica, uma vez que viabiliza a análise de contradições sociais e lutas pelo poder que levam o sujeito a selecionar determinadas estruturas linguísticas ou determinadas vozes, por exemplo, e articulá-las de determinadas maneiras num conjunto de outras possibilidades. (RESENDE; RAMALHO, 2009, p. 18).

Compreende-se, neste momento, a importância das análises dos discursos sociais e das análises do sistema linguístico através da proposta da ADC. É uma forma de questionar e até mesmo desarticular as diversas manifestações do poder (política, economia, mídia, etc) que desejam controlar os cidadãos. É nas análises das práticas discursivas ou nas redes de práticas que devemos encontrar essas vozes que querem assujeitar o outro, o sujeito, para que temas como preconceito racial, desigualdades sociais e econômicas, destruição do meio ambiente, pobreza, perda da liberdade, etc. não fiquem no plano do conformismo.

Com a proposta de Bakhtin e sua concepção de interação e produção social, a ADC se vale de mais um conceito para ratificar suas categorias analíticas, superando a ideia de que o locutor se encontrava numa dinâmica ativa, enquanto o ouvinte era passiva. Assim a



perspectiva bakhtiniana rompe com os padrões formais do estruturalismo, a partir da introdução das categorias dialógicas e polifônicas no discurso.

Outro filósofo que contribui com a ADC é Michel Foucault. Resende e Ramalho (2009, p. 18-9) afirmam:

Foucault destaca a face constitutiva do discurso. Concebe a linguagem como uma prática que constitui o social, os objetos e os sujeitos sociais. Para o filósofo, analisar discursos corresponde a especificar sociohistoricamente as formações discursivas interdependentes, os sistemas de regras que possibilitaram a ocorrência de certos enunciados em determinados tempos, lugares e instituições.

As autoras asseveram que a contribuição de Foucault está na inserção da linguagem como uma prática - característica da ADC. Essa prática é quem forma as relações e os sujeitos do discurso como também os objetos. Nesse sentido, a pergunta é: Por que se formou esse enunciado e não outro? A ADC procura responder também essa pergunta, sendo que os sujeitos dos enunciados não estão assujeitados. Eles têm intenções nas escolhas linguísticas, no tempo e nos lugares onde professam os enunciados.

Para tanto, Foucault (2002, p. 38) contribui com a mesma ideia de criticidade que a ADC vem adotando em suas análises:

[...] as análises que me proponho fazer dispõem-se em duas perspectivas. De um lado, a perspectiva "crítica", que põe em ação o princípio de inversão : procurar distinguir as formas de exclusão, de limitação e de apropriação a que me referi atrás ; mostrar como é que se formaram, a que necessidades vieram responder, como é que se modificaram e deslocaram, qual o constrangimento que exerceram efectivamente, em que medida é que foram modificadas.

É dessa forma que a linguagem é uma prática na visão tanto de Foucault como da ADC. E é nesses deslocamentos da vida social que a linguagem se constitui historicamente, sendo a ADC um caminho para se chegar a certas verdades, ou melhor, procurar entender/compreender as verdades que estão nas práticas sociais.

Não podemos deixar de expor com relevo as ideias de Fairclough. Por isso, destacaremos mais tempo na exposição dos conceitos e categorias faircloughianas. Isso não quer dizer que iremos, seria muita pretensão, explicar todos os fenômenos conceituais do



autor como também não esgotamos todos os conceitos dos autores acima citados. Portanto, procuraremos explorar o máximo possível de conceitos e categorias a fim de elucidar os leitores deste artigo.

5. FAIRCLOUGH: CONCEITOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE NA ADC

O maior representante e um dos pilares teóricos da ADC é Fairclough. Ele traz em seu livro *Discurso e Mudança Social* conceitos relevantes para ADC. Não só nesse livro, mas também em *Linguagem and Power*. No livro *Linguagem e Poder* de Fairclough já se iniciava a constituição da ADC. O linguista americano já contribuía para a conscientização dos efeitos do discurso nos textos com relação ao poder e às mudanças sociais.

Para confirmar a assertiva anterior, Magalhães (2005, p. 3) diz que a “contribuição principal de Fairclough foi a criação de um método para o estudo do discurso e seu esforço extraordinário para explicar por que cientistas sociais e estudiosos da mídia precisam dos lingüistas.” Acrescentamos a essa ideia que esse método teórico-metodológico é capaz de dar equilíbrio aos estudos da forma e da função no âmbito da linguagem, uma vez que seria muita pretensão reduzir ou excluir um ou outro paradigma nos estudos científicos quando se tratar de linguagem, discurso e sociedade.

A fim de justificar o método crítico a ser utilizado, Fairclough (2001, p. 28) explica que:

“Crítico” implica mostrar conexões e causas que estão ocultas; implica também intervenção – por exemplo, fornecendo recursos por meio da mudança para aqueles que possam encontrar-se em desvantagens. Nesse sentido, é importante evitar uma imagem da mudança discursiva como um processo unilinear, de cima para baixo: há luta na estruturação de textos e ordens do discurso, e as pessoas podem resistir às mudanças que vêm de cima ou delas se apropriar, como também simplesmente as seguir.

É com essa visão de crítico que Fairclough discute a necessidade de saber o que está nas entrelinhas do discurso e quais as vozes e atores sociais desejam controlar e manipular as consciências individuais. É saber como se constrói os textos a partir de outros e como



esses outros textos se posicionam na dominação e/ou manipulação dos sujeitos. Além do mais, é nessa perspectiva crítica que se há mudanças e transformações a partir da resistência de aceitar tudo o que já vem de dito ou não dito nos discursos ideológicos das “esferas da comunicação discursiva” (GRILLO, 2010, p. 133).

Contrário ao que é posto, de forma autoritária e hierárquica, como verdade, Fairclough propõe um método que busca as lutas e divergências nos discursos para romper com o controle, as desigualdades, os preconceitos e toda forma de dominação existente e consistente nas práticas sociais. Por isso, cabe bem a aproximação com a ideia de palavra, como sendo um signo ideológico, pois, “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo” (BAKTHIN, 2002, p. 31). E é neste fora de si mesmo que estão presentes as constantes lutas e divergências no âmbito social.

O signo, na perspectiva em ADC, não é apenas um sinal que apresenta uma imagem acústica e um significado, mas também um elemento que se constitui pela historicidade com suas crenças, valores e ideologias. Neste caso, a linguagem é prática social que se constitui nas relações sócio-interativas entre os interlocutores. E o enunciado não é apenas uma sentença, desprovida de intencionalidades. A partir dessa ideia, Fairclough (2001, p. 91) assevera:

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significados.

Neste caso, “as esferas ideológicas (ciência, literatura, jornalismo, religião, etc.)” (GRILLO, 2010, p. 138), como também podem ser chamadas de *dimensões da estrutura social*, manipulam o discurso, as relações, as identidades e as instituições nas práticas sociais ou em rede de práticas sociais. Isso acontece conforme o interesse dessas esferas. É por isso que o discurso se torna uma prática, pois ele contribui para a base e a construção de realidades sociais, ou seja, “modo de ação sobre o mundo e a sociedade, um elemento da vida social interconetado a outros elementos” (RESENDE; RAMALHO, 2009, p. 28).



Com relação à análise em ADC, Resende e Ramalho (2009, p. 28) cita a análise tridimensional proposta por Fairclough:

A Teoria Social do Discurso trabalha com um modelo que considera três dimensões passíveis de serem analisadas [...]. A *prática social* descrita como uma dimensão do evento discursivo, assim como o *texto*. Essas duas dimensões são mediadas pela *prática discursiva*, que focaliza os processos sociocognitivos de produção, distribuição e consumo do texto, processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares.

Com esse enquadre analítico, a ADC consegue chegar a dimensões transdisciplinares, já que tem na análise tridimensional categorias possíveis para se realizar discussões em qualquer área do conhecimento que tem o texto como suporte referencial nas relações de práticas sociais de comunicação interativa.

Por exemplo, no texto verifica-se o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual; na prática discursiva se analisa a produção, a distribuição, o consumo, o contexto, a força, a coerência e a intertextualidade; e na prática social se observa ideologia, sentidos, pressuposições, metáforas, hegemonia e orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas.

Vale salientar, que esse enquadre já foi aprofundado no trabalho de Chouliaraki e Fairclough. Assim confirma Resende e Ramalho (2009, p. 29): “[Chouliaraki e Fairclough] mantêm as três dimensões do discurso, contudo de maneira mais pulverizada na análise e com um fortalecimento da análise da prática social, que passou a ser mais privilegiada nesse modelo posterior”.

Em suma, o trabalho de Fairclough é uma referência para os pesquisadores em ADC. Seu trabalho não está acabado e o seu método é um referencial inovador nas discussões contemporâneas para que os elementos subjacentes tornem-se explícitos, confirmando que o discurso é uma prática que transforma e constitui relações significativas no mundo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Neste artigo, apresentamos alguns diálogos que contribuíram para a constituição da ADC como um modelo teórico-metodológico. Mas é evidente que há que se explorar ainda mais para ratificar veemente esse modelo. O que se percebeu nas pesquisas é que a ADC não é um campo fechado, pois não é homogênea e sim heterogênea.

A heterogeneidade se configura porque busca em outras áreas do conhecimento, principalmente das Ciências Sociais, suportes ontológicos e epistemológicos para sua constituição como disciplina autônoma no campo científico. E é essa interdisciplinaridade e multidisciplinaridade que faz da ADC uma ferramenta de diálogos com a vantagem de estar sempre em aperfeiçoamento com relação às outras teorias.

É, por isso, que a Análise do Discurso Crítica tem se expandido e se fortalecido cada vez mais no Brasil e em diferentes partes do mundo. Acreditamos que - enquanto teoria e método - representa uma alternativa transdisciplinar de estudos da linguagem e práticas sociais que investiga fenômenos discursivos diversos especialmente em relação a questões de poder, ideologia, discriminação e constituição de identidades.

Como está em constante diálogo com outras teorias, traz em sua essência a característica da emancipação, revelando elementos categóricos para que a sociedade e os sujeitos possam ser agentes transformadores de sua realidade. Tendo como seu maior expoente Fairclough que orienta para um estudo do texto como prática social e na dialética com autores como Bakhtin e Foucault, a ADC se fortalece numa perspectiva dialógica, polifônica e de prática social.

Nesse diálogo transdisciplinar, ainda há muito o que se pesquisar, principalmente, com os conceitos advindos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), uma vez que é a teoria linguística mais apropriada para desenvolver uma análise de discurso crítica, porque ela é profundamente preocupada com a relação entre a linguagem e outros elementos e aspectos da vida social e sua abordagem para a análise linguística de textos é sempre orientada para o caráter social dos textos.

Por fim, consideramos que os conceitos e categorias teóricas estudados, neste artigo, possam ser subsídios para muitos estudantes, pesquisadores/as e professores/as que estão dispostos a estudar o discurso de forma crítica e emancipadora, reconhecendo que há



diferentes formas de alienação e controle impostos pelas esferas ideológicas nos diversos gêneros e discursos que circulam em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2002.
- GRILLO, Sheila V. de Camargo. Esfera e campo. In: BRAINT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 133-160.
- MAGALHÃES, Izabel. Introdução: a Análise de Discurso Crítica. In: *D.E.L.T.A.* São Paulo: Educ, 2005, v. 21, n. especial, p. 11-24.
- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.